

# Expressões de futuridade em cartas manuscritas do século XIX

*Expressions of futureness in the handwritten letters of 19th century*

Grace Freire BANDEIRA \*

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Rodrigo Felipe RAMOS \*\*

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

**RESUMO:** Neste artigo, relatamos os resultados de nossas pesquisas acerca das expressões de futuridade em cartas manuscritas dos séculos XIX e XX, período em que a região amazônica ascendeu economicamente devido ao ciclo da borracha. O objeto de estudo desta pesquisa são as noções de futuro defendidas pelas gramáticas, aqui representadas pela *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (2009), de Domingos Cegalla, e pela *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011), de Rocha Lima. Assumimos, para estabelecer uma visão diacrônica sobre o estudo, a perspectiva funcionalista e a variacionista da linguagem (LABOV, 2008; MOLLICA; BRAGA, 2017; MONTEIRO, 2000; TARALLO, 1986). Para contemplar as análises de estruturas linguísticas não marcadas, nos níveis morfológico ou morfossintático, estudamos a categoria de tempo semanticamente (REICHENBACH, 1947; SILVA, 1998a). Desta maneira, refletimos em torno das noções de futuro e futuridade. Os estudos não somente apontam para a variante futuro do presente como a mais produtiva nas cartas estudadas do acervo J. G. Araújo, mas também mostram que muito há a ser estudado sobre a forma nominal de infinitivo em contextos de futuridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futuridade. Futuro. Cartas manuscritas.

**ABSTRACT:** In this article, we report the results of our research on the expressions of futureness in nineteenth and twentieth-century handwritten letters, during which time the amazon region ascended economically due to the rubber cycle. The object of study of this research is the notion of future defended by the grammars, represented here by the *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (2009), Domingos Cegalla, and by the *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011), Rocha Lima. We assumed, to establish a diachronic view of the study, the functionalist and the variationist perspectives of language (LABOV, 2008; MOLLICA; BRAGA, 2017; MONTEIRO, 2000; TARALLO, 1986). To contemplate analyzes of unmarked linguistic structures at morphological or morphosyntactic levels, we study, semantically, the time category (REICHENBACH, 1947; SILVA, 1998a). In this way, we reflect around the notions of future and futureness. The studies point to the future variant of the present as the most productive in the studied letters of the J. G. Araújo collection, but also show that there is much to be studied about the nominal infinitive form in futureness contexts.

**KEYWORDS:** Futureness. Future. Handwritten letters.

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2007). Professora associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: gcbandeira@uol.com.br.

\*\* Graduado em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (2019). E-mail: rodrigofeliperamos@gmail.com.

## Introdução

Muito ainda há a ser estudado sobre o português falado no Amazonas, principalmente sobre o português registrado na região em plenos séculos XIX e XX. E é por meio da doação do acervo documental da empresa J.G. Araújo e Cia Ltda (grande casa aviadora da época) para a Universidade Federal do Amazonas, que o confiou ao Museu Amazônico, que se cria uma grande oportunidade de desvendar as particularidades do português registrado entre os séculos XIX e XX, na região amazônica brasileira, mais especificamente no Amazonas. O sistema de aviamento, do que resultam as cartas manuscritas em estudo, consistia em que os pedidos de compra nelas relatados por quem vivia na Floresta, ou os casos de representação via procuração, fossem atendidos pela empresa com sede na capital Manaus. Nós nos debruçamos, ao longo do trabalho, sobre a análise desses arquivos e cartas que resistiram às adversidades do tempo e que nos serviram como *corpus* de pesquisa.

O tema deste estudo é a expressão de futuridade nas cartas manuscritas de J.G. Araújo, produzidas entre os séculos XIX e XX<sup>1</sup>. O acervo de cartas possui registros do português da região que se denominava Província do Amazonas desde 1850 e que, após o advento da república brasileira em 1889, passou a ser designada como conhecemos hoje: Amazonas. Nosso objeto de estudo são as noções de futuro adotadas pelas gramáticas normativas, representadas, aqui, pela *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (2009), de Cegalla, e pela *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011), de Rocha Lima. Buscamos contrastar a visão gramático-normativa com os dados que foram coletados das cartas manuscritas de J. G. Araújo, para verificar como as expressões de futuridade ocorriam nas cartas analisadas.

Nosso estudo, diacrônico, ocupa-se da sistematização das expressões de futuridade observadas em cartas escritas ao longo do século XIX (1880 a 1896). Quanto às cartas, procuramos identificar e mapear a regularidade das variantes que nelas expressam futuridade.

O que se coloca em xeque, neste estudo, é até que ponto as marcações de futuridade restringem-se ao futuro verbal, sendo expressas por desinências modo-

---

<sup>1</sup> Devemos salientar que, por força da necessidade de se realizar um recorte para a análise, lidamos com cartas dos dois séculos durante a coleta de dados, mas somente tomamos como dados de análise as cartas do século XIX.

temporais, ou em formas perifrásticas. Se podemos dizer, hoje, sentenças como *ele canta amanhã*, por exemplo, a qual possui uma estrutura que detém a noção de futuridade valendo-se do contexto, nesse caso, determinado pelo advérbio, e se podemos também expressar futuridade usando morfemas ou perífrases verbais, como, respectivamente, em *ele cantará* e em *ele vai cantar*, constatamos que a marcação de futuridade é variável no Português Brasileiro (doravante, PB). Não poderíamos, portanto, ignorar nenhum desses dados durante a coleta nem, por conseguinte, em sua análise. É por esse motivo que todas as expressões de futuridade encontradas nas cartas em estudo foram consideradas, não limitando a pesquisa às formas convencionais de marcação de futuro. Quaisquer expressões que possuíam o traço semântico de futuridade, em qualquer nível linguístico, entraram no corpo da pesquisa.

Compreendemos, baseados nos métodos de análise da sociolinguística quantitativa, que o caos e a desordem aparente das variantes linguísticas são apenas superficiais, sendo passíveis de sistematização. Em outras palavras, dando crédito ao que diz Mollica (1992, p. 13), consideramos que a variação é “como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada”; não nos esquecendo, também, de que o falante é um indivíduo social, portanto, seu desempenho linguístico é também condicionado por sua realidade social. Nas palavras de Monteiro (2000, p. 16), “a linguagem não é um fenômeno de natureza *apenas* social. Ela é também um fenômeno que tem implicações de ordem psicológica, fisiológica etc.”.

Convém, ainda, mencionar a distinção entre ‘futuro’ e ‘futuridade’, por não terem, à primeira vista, seus limites e fronteiras claramente definidos, e em razão de serem frequentemente mencionados durante este estudo. O futuro é estabelecido nas gramáticas normativas de forma que a expressão do que está por vir é reduzida à noção de futuro verbal, cujas marcas seriam as desinências modo-temporais ou verbos auxiliares, nos casos dos tempos compostos. A futuridade, por sua vez, pauta-se não necessariamente em marcas gramaticais, mas na compreensão que os falantes têm quando se referem às ações que estão para além do presente. A futuridade não está, portanto, presa às formas trazidas pelas gramáticas. Para Nascimento (2015, p. 63), a noção de futuridade é bastante abrangente na língua, pois “há muitas formas que podem se alistar para a consecução de tal valor semântico sem que, com isso, passem a manifestar traços morfológicos necessários”. Grosso modo, podemos entender que o

futuro, como é definido nas gramáticas normativas, é, de certa forma, mais restrito que a futuridade.

Pensamos, como primeira hipótese, que a variante hoje tida como conservadora – forma simples –, já que é ainda a mais empregada em textos escritos, e menos usada na fala (cf. OLIVEIRA, 2006), possivelmente seja a mais utilizada nas cartas. E baseados nessa hipótese, engendramos a segunda: acreditamos que as marcações de futuro nas cartas usem pouco do ambiente sintático e contextual para dar conta da noção de futuridade, pois se tratam de cartas relativamente curtas e informativas. Possivelmente, por tratar-se de uma linguagem escrita, e também por tratar-se de um gênero textual que possui certo grau de objetividade, a busca por um sintetismo – ambiguidade proposital –, na comunicação, interfira na escolha da variante pelo informante, sendo assim, um fator extralinguístico que condicionaria a escolha da variante simples.

Por fim, julgamos importante dizer que, ao estudarmos as cartas, aprendemos muito sobre o português registrado à época, mas que também “é sempre válido lembrar o quanto de conhecimento construiremos com as notas sobre o cotidiano dos que viveram no Amazonas dos séculos XIX e XX” (BANDEIRA, 2014, p. 888). Não podemos esquecer que, por detrás dos dados, existem pessoas, e, sendo assim, o trabalho possui também certo valor como estudo antropológico.

## 1. Sobre as variantes de futuridade

Oliveira (2006), em seu estudo sobre o futuro verbal em língua portuguesa, encontra seis variantes formais para a variável de futuro: futuro simples (*cantarei*); forma perifrástica de ‘ir’ no presente + infinitivo (*vou cantar*); forma perifrástica de ‘ir’ no futuro + infinitivo (*irei cantar*); forma perifrástica de ‘haver’ no presente + de + infinitivo (*hei de cantar*); forma perifrástica de ‘haver’ no futuro + de + infinitivo (*haverei de cantar*); f) forma de presente (*canto amanhã*). A pesquisa em tempo real de longa duração feita pela autora revelou que, na escrita formal, o futuro simples é o mais utilizado desde o século XIII. Seus estudos mostram que a forma simples está em desuso na língua falada e está sendo substituída pela concorrente ‘ir’ no presente + infinitivo.

Bragança (2008), em sua dissertação de mestrado, separou as variantes de futuridade em três grandes grupos: forma sintética (*cantarei*); forma perifrástica, em que alguns verbos funcionam como auxiliares na construção (*poderei cantar, deverei cantar, irei cantar, vou cantar*); e a forma de presente do indicativo (*amanhã canto com você*). Apesar de admitir a forma de presente como uma variante do futuro, a autora não a inclui em seu *corpus* de análise, debruçando-se somente sobre a análise das variantes dos dois primeiros grupos mencionados, e principalmente sobre a investigação da gramaticalização do verbo ‘ir’ para a expressão do futuro do presente. Com seus estudos, a pesquisadora corrobora resultados de Oliveira (2006), pois também constatou, nas entrevistas que realizou, que “não houve variação entre as formas, tendo sido eleita, em (quase) 100% das ocorrências, a forma perifrástica com IR no presente” (BRAGANÇA, 2008, p. 137). Além disso, confirmou que, em textos escritos, a variante conservadora sintética ainda é a mais utilizada.

Ainda dentro da perspectiva da Teoria da Variação, porém dando atenção especial aos fatores de sentido que interferem na escolha do falante sobre os contextos de uso das variantes, podemos citar o estudo de Gibbon (2000). Assim como Bragança (2008), a autora propõe que o futuro se dá de três formas, as quais ela nomeia como: futuro do presente; forma perifrástica e presente do indicativo. Diferentemente de Bragança (2008), Gibbon considera, em sua análise, o presente do indicativo, e decide concentrar-se apenas em uma das perífrases: ‘ir’ no presente + verbo principal no infinitivo. Além disso, o tratamento dado à variável é diferente. Ao contrário do que fazem Oliveira (2006) e Bragança (2008), Gibbon (2000) problematiza a questão semântica da característica do tempo gramatical e investiga, além dos fatores condicionadores sociais, quais são os contextos intralinguísticos que favorecem a utilização de cada variante, assumindo que a variável de futuridade está situada no nível morfo-sintático-discursivo. A pesquisadora entende que a variação depende não só de fatores sociais, mas também de fatores semântico-discursivos. Em compensação, mesmo com outra forma de análise, a linguista confirma o argumento de Oliveira (2006) e o de Bragança (2008), pois afirma que o futuro do presente – entendido por ela como o que temos chamado, até agora, de simples, ou sintético – está perdendo espaço para a variante perifrástica.

Silva (1998b) centraliza seu estudo na variante do presente do indicativo que remete à noção de futuridade, variante essa que o linguista chama de presente futuro. Assim como Gibbon (2000), o pesquisador lança mão de uma análise semântico-discursiva da variante e nota que a flexão do tempo do verbo torna-se, muitas vezes, irrelevante em sua realização, assumindo que a noção de tempo também se dá por outros meios linguísticos. Silva (1998b) demonstra as diferenças de sentido entre frases que empregam o futuro do presente e as que empregam a variante presente futuro, mostrando a mudança no significado das sentenças, de acordo com a variante utilizada pelo falante. O pesquisador afirma que “a "marca" principal da diferença entre o presente futuro e a forma sintética /re/~/-ra/ "não-marcada" parece estar na relevância do presente” (SILVA, 1998b, p. 166). Em seus exemplos, mostra como as situações discursivas levam o falante a privilegiar uma ou outra variante, de acordo com o grau de certeza que o falante tem daquilo que fala.

Para representar a visão das gramáticas normativas, consideramos Cegalla (2009), o qual favorece a variante simples como expressão padrão, coloca a forma composta como coloquial e não considera outras formas para a expressão do futuro. Para o gramático, o futuro do presente

Pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções constituídas pelo presente do indicativo dos verbos *ir*, *ter* ou *haver*+ infinitivo do verbo principal (CEGALLA, 2009, p. 587).

Já Lima (2011) não propõe a possibilidade de uso do verbo ‘*ir*’ como auxiliar na construção para a expressão de futuro. Apesar dessa diferença, o autor segue o mesmo tratamento dado por Cegalla (2009) às marcações de futuro, limitando o futuro do presente à variante simples e à composta por perífrase verbal com os verbos ‘*ter*’ ou ‘*haver*’.

À luz do proposto até então, assumimos uma noção de futuro que vai para além do presente, que não possui relação com o passado; excluindo, portanto, como dado de análise, o futuro do pretérito. Buscamos, assim como Gibbon (2000), articular os métodos da Teoria Variacionista com a questão semântico-discursiva, para, assim, dar conta das quantificações, identificando os contextos de uso das variantes pelos informantes.

## 2. Procedimentos metodológicos

Selecionadas as cartas manuscritas para fins de nossa pesquisa, analisamos os dados coletados de acordo com métodos de análise da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008; MOLLICA; BRAGA, 2017; MONTEIRO, 2000; TARALLO, 1986) e consideramos, também, estudos sobre a categoria de tempo na língua (REICHENBACH, 1947; SILVA, 1998a). Isto feito, relacionamos os dados coletados às noções gramaticais e linguísticas já registradas nas gramáticas normativas e nas pesquisas citadas na seção Fundamentação Teórica.

Em meio ao acervo J.G. Araújo, encontramos cartas manuscritas e cartas datilografadas. Apesar de ambas serem grafias válidas da modalidade escrita, e nesse contexto, representarem o mesmo gênero textual, a carta, entendemos que há nuances entre as formas de escrita, no que concerne ao grau de oralidade e de escrituralidade<sup>2</sup>. Segundo Koch e Oesterreicher (*apud* HILGERT, 2007), as condições de interação de proximidade (espacial, temporal, afetiva) dão origem a textos mais próximos da oralidade, ou seja, marcados por traços da fala. Por outro lado, as condições de distanciamento (espacial, temporal, afetiva) geram textos caracterizados pela escrituralidade, ou seja, distantes da língua falada. Recorremos a essas noções porque acreditamos que a interação entre o falante e a escrita, sendo intermediada por uma máquina, é, de alguma forma, mais artificial que um texto escrito à mão. Sendo assim, levando em conta que buscamos textos com menor grau de monitoramento, excluímos, do *corpus* de análise, as cartas datilografadas.

Em torno do *corpus* analisado, levamos em consideração o que está a seguir. Nas cartas, não há tantas informações sobre os remetentes. Fatores sociais a serem considerados, em uma perspectiva de análise variacionista da linguagem, como, por exemplo, faixa etária, grupo socioeconômico e grau de instrução, não são informados nas cartas. As únicas informações que temos sobre os informantes são as seguintes:

---

<sup>2</sup> Assumimos existir um *continuum* entre essas noções. Escritos menos monitorados, por exemplo, tendem a ser mais próximos da fala. Ao dizermos escrituralidade, em lugar de escrita, desejamos tão somente expressar um estado de menor ou maior aproximação, ou da escrita ou da fala; o que ilustramos com um discurso oficial realizado oralmente, em rede nacional, pelo presidente da república; ou com uma conversa informal entre amigos no aplicativo *Whatsapp*. Neste sentido, fala e escrita são parâmetros para que se possa localizar, no *continuum*, se um texto tende à oralidade ou à escrituralidade.

localidade; sexo (quando pessoa física); e se são pessoa física ou jurídica (este, um critério não considerado nos limites deste trabalho).

A localidade não nos serviu como fator condicionador, porque não sabemos se os informantes eram naturais dos locais de onde escreviam, apesar de entendermos que o informante acaba por fazer um registro do português utilizado na região de onde escreve. No lidar com os dados, decidimos estudar as cartas manuscritas que traziam o nome das cidades com limites geográficos circunscritos à região brasileira. Não julgamos que os limites geopolíticos tivessem tanta influência sobre o português utilizado à época, pois o Brasil, inclusive a região amazônica (região de onde parte a maioria das cartas em estudo), encontrava-se em um momento de muitas mudanças nas definições de sua geografia. De fato, o que nos interessou foi estudar as cartas que chegavam à empresa e que partiam dela. Assim, demos origem ao Projeto de Pesquisa que desenvolvemos, sob o título *Cartas dos séculos XIX e XX: organização de um corpus diacrônico do português registrado no Amazonas, no período áureo da borracha*.

O sexo dos informantes também não foi uma variável considerada, pois as cartas eram escritas, majoritariamente, por homens. Dentre as cartas com que tivemos contato até hoje, somente encontramos um remetente feminino. Essa ausência de informantes mulheres revela-nos muito sobre a condição social feminina durante a época em que as cartas foram escritas. Podemos imaginar duas causas para essa ausência: ou a grande maioria das mulheres não sabia escrever; ou, mesmo sabendo escrever, eram sempre representadas pelos maridos.

Excluídas as variáveis sexo e localidade, adotamos a perspectiva diacrônica para identificar variações de uso em relação às variantes como as descreveremos a seguir. Para tal, analisamos o *corpus*, com interstício de aproximadamente 15 anos, e contrastamos os *corpora* quanto aos resultados quantitativos das ocorrências das variantes.

Os dados da variável de futuridade foram organizados em quatro principais grupos de variantes, com propósito de possibilitar a quantificação dos resultados: futuro do presente, Infinitivo<sup>3</sup>, ‘ir’ no presente + infinitivo e presente do indicativo. Adotamos de Gibbon (2000) a primeira e a última variante citadas. Não nomeamos as construções de auxiliares/modais + infinitivo como perifrástica, mas como dados de Infinitivo. Além

---

<sup>3</sup> Chamaremos de “Infinitivo”, com a letra “I” maiúscula, toda vez que nos referirmos à variante.



dessas variantes perifrásticas, percebemos que formas como infinitivo + infinitivo, preposição + infinitivo, por exemplo, tiveram frequência relevante para conceber a noção de futuridade nas cartas e, por conta disso, foram contabilizadas como ocorrências de Infinitivo. ‘Ir’ no presente + infinitivo foi a única variante contabilizada separadamente ao Infinitivo, por motivo de ter sido a variante que se destacou na maioria das pesquisas revisadas até aqui. Para deixar claros os limites da variante Infinitivo, ao final deste capítulo, deixamos delimitadas quais ocorrências serão contabilizadas como dado de sua ocorrência.

De início, coletamos os dados das cartas originais, mas depois passamos a digitalizá-las. Foi analisado um total de 67 arquivos de cartas. Como havia cartas escritas na frente e no verso do papel, ou iniciadas em uma página e continuadas em outra, consideramos a numeração referida (67) por número de arquivos digitalizados, já que não foi possível colocar as cartas de duas folhas, juntas, em um só arquivo-imagem. Buscamos dados em cartas de Abril de 1896 (quarenta e duas), e em cartas dos anos de 1880-1881(vinte e cinco).

Vejam agora, por meio de uma tabela ilustrativa, os grupos de variantes com os quais trabalhamos. A seguir, nosso envelope de variação:

**Tabela 1 – Envelope de variação**

Variantes			
Futuro do presente	Infinitivo	Ir no presente + infinitivo	Presente do indicativo
-verbos com marcação morfológica de futuro do presente do indicativo	-infinitivo + infinitivo -auxiliares + infinitivo -subordinadas finais	-verbo ‘ir’ no presente (vou) + verbo no infinitivo	-verbo no presente do indicativo seguido ou não de advérbios

### 3. Resultados e discussão

Os resultados gerais revelam a persistência da variante conservadora futuro do presente (*cantarei*). Também mostram uma grande quantidade de ocorrências de formas que projetam futuridade, utilizando-se de formas verbais no infinitivo. A essas, como já indicado, temos denominado como Infinitivo. Em contrapartida, os resultados evidenciam uma ocorrência mínima das formas de presente do indicativo e de ‘ir’ no presente + infinitivo.

Encontramos um total de 43 dados, sendo 22 ocorrências retiradas das 42 cartas de abril de 1896, e 21 retiradas das 25 cartas de 1880 e 1881. A seguir, veremos um quadro geral sobre a distribuição das ocorrências das quatro variantes no *corpus*.

**Tabela 2 - Quantificação das ocorrências de cada variante no corpus geral**

Variantes	Cartas de abril de 1896 e 1880/1881
Futuro do presente	18 (41,86%)
Infinitivo	17 (39,53%)
'Ir' no presente + infinitivo	2 (4,65%)
Presente do indicativo	6 (13,95%)
Total	43 (100%)

Antes de começarmos a discussão sobre o resultado geral dos dados, cabe um adendo. Acreditávamos que encontraríamos mais ocorrências das variantes de futuridade nas cartas, mas nos deparamos com uma questão que, só durante as coletas, constatamos ser um condicionador que de certa forma inibe a ocorrência das variantes que buscávamos. Esse condicionador, de ordem extralinguística, mais especificamente, diafásico, diz respeito ao conteúdo que as cartas destinadas a J. G. Araújo possuíam, pois, em geral, eram cartas informativas. O assunto quase sempre versa sobre relações comerciais. São agradecimentos, pedidos, reclamações e/ou confirmações sobre o recebimento de alguma mercadoria ou valor. Agradecimentos, reclamações e confirmações de recebimento, evidentemente, são ações relacionadas a fatos já passados. As marcações de futuridade geralmente ocorrem apenas quando o remetente faz algum pedido, ou quando envia algo ao destinatário, pois espera ser atendido (pedido) ou espera que recebam o produto (envio).

Retomando as hipóteses formuladas antes do contato com os dados, podemos dizer que acertamos quando afirmamos que a variante futuro do presente se destacaria em número de ocorrências. Mas, ao contrário do que pensávamos, o motivo disso não está propriamente no fato de as cartas serem curtas e objetivas. O fator que pensamos ser determinante para a vitória<sup>4</sup> da variante futuro do presente não está relacionado diretamente ao formato e à dimensão das cartas, mas ao seu conteúdo e ao grau de formalidade exigido pelo gênero em contextos de relações comerciais. Esse resultado

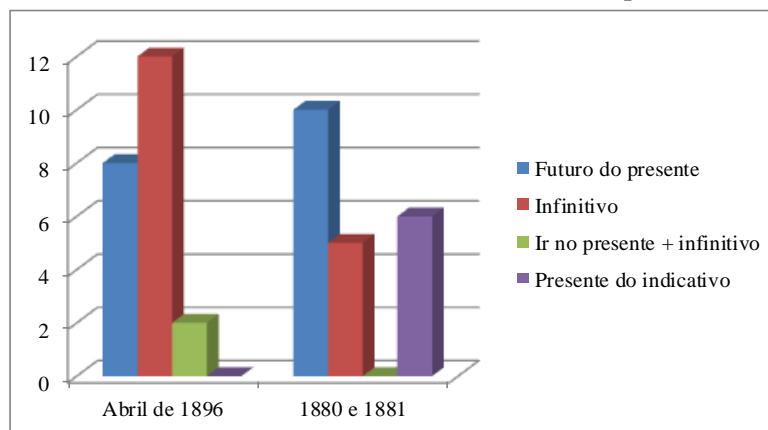
<sup>4</sup> O termo é de Tarallo (1986).

corrobora Oliveira (2006, p. 103): “o futuro simples é a variante preferida ao longo da história, [...] pelo menos na língua escrita formal”. A hipótese de que as cartas usariam pouco de formas marcadas (futuro simples e futuro composto) também foi derrubada. Como vemos no quadro, a variante Infinitivo foi a segunda colocada em número de ocorrências.

Se pensássemos no número de variantes consideradas para a contabilização do Infinitivo em comparação à variante do futuro do presente, poderíamos dizer que o futuro do presente teve, predominantemente, a maior frequência de uso nas cartas em relação a todas as outras variantes, pois nenhuma das variantes individuais do Infinitivo alcançou, sozinha, mais que 4 ocorrências, ou melhor, 9,30% dos dados. Mas como buscamos verificar a frequência de formas que semanticamente expressem a noção de futuridade, as variantes foram contabilizadas como um todo no Infinitivo. Contabilizamos as estruturas que exprimem a noção de futuridade, separando-a do que tradicionalmente se nomeia como futuro.

Consideremos o gráfico a seguir. Nele, ressaltamos, vale a descrição das ocorrências e não a comparação entre os dois períodos de tempo em estudo. Isto é, importa descrever a tendência de uso das variantes em cada período.

**Gráfico 1 – As ocorrências das variantes nos corpora**



Como podemos ver, nas cartas de 1896, a variante Infinitivo é a que mais se destaca, seguida pela do futuro do presente. Já nas cartas de 1880 e 1881, o futuro do presente sobressai, seguido pela variante presente do indicativo, variante essa que não teve ocorrência no *corpus* de 1896. O que fica evidente é que a variante futuro do presente mostrou-se bastante relevante nos dois períodos de grupos de cartas. Além

disso, o retorno temporal possibilitou-nos o contato com a variante presente do indicativo, que, no *corpus* de 1880 e 1881, chegou a ser a segunda em número de ocorrências.

Agora, consideremos cada variante, individualmente.

### 3.1 A variante futuro do presente

A variante futuro do presente foi a primeira em número de ocorrências, mostrando sua resistência na linguagem escrita das cartas analisadas. No que diz respeito aos dados coletados dessa variante, não nos surgiram dúvidas ou maiores dificuldades para identificá-los, quando a expressão de futuro era marcada com as formas /-re/ e /-ra/. Notaremos, a seguir, que a noção de futuro pode ser expressa por meio dessas flexões morfológicas temporais do verbo:

(1) “as mercadorias de meo pedido esso vapor de Março *irá* a seu pagamento em (ilegível) e VM<sup>ces</sup> me *mandará* mais” (Barcellos, 17 de fevereiro de 1881).

(2) “*Estimaremos* que tudo mais chegue ahi ao seo gosto” (Santa Fé, 20 de junho de 1881).

No trecho de carta do exemplo (1), o informante não faz uso da marcação morfológica de plural para estabelecer concordância entre *mercadorias* e *irá*; o mesmo ocorrendo entre VM<sup>ces</sup> e *mandará*. Ambas as ocorrências de (1) utilizam-se da desinência modo-tempo /-ra/ para expressar o futuro verbal. No exemplo (2), é a desinência /-re/ a responsável pela marcação de futuro. Isso tudo para dizer que a mesma facilidade de coleta e análise de dados não ocorre quando o verbo está na terceira pessoal do plural, como em (3).

(3) “(...) e assim dissemos / *facultão* saccas sobre remessaz / e ao mesmo *responderão* / segue remessa /. Por este aviso comprehendemoz que VM<sup>ces</sup> fazem remessas no 1 Conductor, o que agradecemos”. (Pernambuco, 28 de abril de 1896).

O contexto nos impede de entender o *responderão* como futuro do presente. O acontecimento anterior trazido por *dissemos*, o tempo e o seu complemento determinam que *responderão*, na verdade, pode corresponder a *responderam*. Esse fenômeno pode dever-se ao que Coutinho (1976, p. 281) afirma sobre o desenvolvimento de um *o*, que

“deu em resultado o ditongo -ão, grafado -am por ser átono”. Ao que parece, isso não acontece somente com os verbos do futuro do presente e do presente do indicativo, como acabamos de ver. Já que, nesse mesmo exemplo, é utilizada a forma *facultão*, em vez de *facultam*. Vemos isso também em (4), em que o falante utiliza *queirão* em vez de *queiram*; como expressão de modo imperativo.

(4) “(ilegível) aqui de liquidar contas com a Companhia Seguradora, a quem apresentamos os referidos documentos, *queirão* nos remeter na primeira ocasião (...)” (Recife, 17 de abril de 1896).

Essas trocas de morfemas, faltas de concordância e outras questões ortográficas estão presentes em praticamente todas as cartas; o que pode estar relacionado ao fato de que “é só no início do século XX que Portugal estabelece, com o Primeiro Formulário Ortográfico de 1911, um modelo de escrita correta” (BANDEIRA, 2014, p. 884-885), que não foi adotado no Brasil. Os remetentes, por não terem um modelo formal de escrita, utilizavam-se ou de seus conhecimentos de latim, ou da sua formação na variedade do português de Portugal, ou de suas experiências como falantes do PB usado à época.

### 3.2 A variante ‘ir’ no presente + infinitivo

Se considerarmos, assim como dito no subcapítulo anterior, que os informantes do século XIX não tinham modelos de escrita a seguir, e que, em certos casos, acabavam por basear sua escrita na própria fala, podemos dizer que o resultado obtido sobre a variante ‘ir’ no presente + infinitivo, que teve o total de duas ocorrências, 4,65% dos dados, atesta as conclusões de Gibbon (2000), Oliveira (2006) e Bragança (2011) sobre a existência de uma variante que, no PB contemporâneo, é a vencedora em contextos de fala. E nós já pudemos encontrá-la na escrita de dois informantes do período de produção das cartas, tal como em (5) e (6).

(5) “Muito agradecemos seu presado favor de 11 do corrente a que *vamos responder*”. (Pará, 15 de abril de 1896).

(6) “Tivemos uma Greve de operarios, o que nos atrazou; mas agora *vamos cumprir tudo*” (Bahia, 23 de abril de 1896).

A ocorrência, mesmo que mínima, sendo os exemplos (5) e (6) os únicos dados que representam a variante ‘ir’ + infinitivo no *corpus*, dá indícios de que essa forma já existia em 1896.

### 3.3 A variante presente do indicativo

Como dito anteriormente, o presente do indicativo só teve ocorrência nas cartas de 1880 e 1881, totalizando 6 dados, o que corresponde a 13,95% das ocorrências. Ao contrário do que pensávamos, não encontramos muitos dados de presente do indicativo com a formação de verbo no presente mais advérbios, para expressar a noção de futuridade. A única exceção disso foi a segunda ocorrência do dado (9), o qual veremos mais adiante. De toda maneira, em (7) e (8), mesmo sem um advérbio como *amanhã*, por exemplo, o uso de *ir* (no presente) é suficiente para expressar futuridade, como veremos a seguir.

(7) “*vão* somente as 50 caixinhas conforme as suas instruções” (Pará, 19 de março de 1881).

(8) “se não tiverem sahida ahi podem mandal las p.<sup>a</sup> o Pará também *vai* o pedido de algumas mercadorias que Vm<sup>ces</sup> mandarão” (ilegível, 14 de julho de 1881).

A noção de prospecção temporal está centrada no verbo *ir*, apesar de ele estar conjugado no presente do indicativo e não estar constituindo uma perífrase verbal. Percebemos que se substituíssemos, em (7), *vão* por *irão*, e em (8), *vai* por *irá*, os sentidos das sentenças ainda seriam os mesmos. Há, no entanto, uma questão aspectual no uso dessa variante. O falante, ao escrever “*vão* somente as 50 caixinhas”, pode estar querendo expressar que algo vai *agora* e permanecerá *indo* até que chegue ao destino; sugerindo um caráter aspectual durativo à variante.

Assim como todos os outros dados coletados das cartas, precisamos ter atenção em relação aos contextos em que as variantes estão inseridas. Para demonstrar o que dissemos, temos o exemplo (9).

(9) “Informamo-nos na Companhia sobre este assumpto e disseram-nos que d’antes algumas cargas *vão* com frete pago até o lugar do destino, mas que *hoje*, por não haver tempo de calculal-o, *vão* com frete pago som.<sup>e</sup> até esse porto” (Santa Fé, 20 de junho de 1881).

Em (9), temos dois verbos em destaque, os quais estão na terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*vão*). Ao reconhecermos que o primeiro *vão* parece corresponder ao pretérito imperfeito do indicativo, admitindo-se *vão* por *iam*, assumimos interpretar a sentença da seguinte maneira: as cargas *iam* com frete pago até o destino, mas *hoje vão* pagos os fretes somente até o porto.

### 3.4 A variante *Infinitivo*

Esta variante, que chamamos de Infinitivo, acolhe formas perifrásticas<sup>5</sup>, como a seguir descreveremos, e pode, também, ocorrer no contexto das subordinadas adverbiais finais. Isso propusemos, à luz do que Silva (1998a) afirma sobre a característica particular do infinitivo na construção *ir* + infinitivo:

Além do movimento implícito em *ir* (pôr-se na direção de, deslocar-se), que sugere posterioridade, o infinitivo possui marca aspectual de prospecção oriunda da neutralização da oposição existente entre gerúndio e particípio. Semanticamente, enquanto o gerúndio evidencia um presente e um caráter durativo (construindo) e o particípio expressa uma ação de sentido perfectivo, situando-a no passado (construído), o infinitivo indica uma ação de caráter prospectivo, orientada para o futuro (1998a, p. 286).

O autor defende que há, no infinitivo, uma carga semântica de prospecção, ou ainda, de ação futura. Ao mesmo tempo em que percebemos essa particularidade do infinitivo, notamos também que ele, dentro de nosso *corpus*, em nenhuma ocorrência construiu sozinho a noção de futuridade, pois sempre se acompanhava de verbos auxiliares, de morfemas de tempo futuro sufixados no verbo auxiliar, ou de preposições (ou locuções prepositivas), produzindo o que chamamos de orações adverbiais finais. Quer dizer, nos nossos dados, com exceção do presente do indicativo e do futuro do presente, quando há infinitivo, há projeção para o futuro; do que é exemplo o dado em (10), única ocorrência de infinitivo + infinitivo.

(10) Ficamos penhorados pelo seu novo pedido de 50 C que sentimos não *poder mandar* por este portador” (Pará, 15 de abril de 1896).

<sup>5</sup> Tiramos do conjunto das variantes de Infinitivo a variante ‘*ir*’ no presente + infinitivo, para testar, no nosso *corpus*, o que Gibbon (2000), Oliveira (2006) e Bragança (2011) dizem sobre esta ser uma variante inovadora.

Em (10), portanto, com os verbos *poder* e *mandar*, tem-se a noção de futuridade, mesmo sem morfemas de tempo verbal, mesmo sem advérbios. A condição de não poder mandar é posterior ao momento em que se *sente* e ao momento de proferimento da sentença. O verbo *poder* por si mesmo traz a noção de condição, de possibilidade, o que se soma à semântica do verbo *mandar*, que ajuda na projeção para o futuro. Combinando-se, assim, verbos que apontam para ações e processos futuros, mais a prospecção temporal característica do infinitivo, a futuridade pôde ser expressa.

Reichenbach (1947) descreve um ponto simbólico para a definição dos tempos verbais em uma língua, o Momento de Fala, de agora em diante MF; e, baseando-se neste, estabelece três indicações de tempo: antes do momento de fala, simultaneamente ao momento de fala, e após o momento de fala; caracterizando-se, então, passado, presente e futuro. Reconhecendo não ser suficiente tal determinação para englobar todos os tempos existentes em uma língua, o autor indica outros elementos fundamentais para a expressão do tempo verbal, além do MF: o Momento do Evento e o Ponto de Referência, doravante ME e PR, respectivamente. Para o momento, basta entendermos que

Tempo na linguagem pode ser um construto mental representado por uma linha imaginária que se movimenta da esquerda (passado), para a direita (futuro), tendo vários pontos de orientação (temporais) no seu decorrer: MF – momento de Fala (o tempo do ato de fala – o “agora” do falante), ME – momento do evento (o estado de coisas a que o enunciado se refere), e PR – ponto de referência (um tempo mais abstrato, um ponto de vista temporal relevante para a contemplação do evento e a partir do qual se define simultaneidade, anterioridade e posterioridade ao MF) (SILVA, 1998a, p. 285).

Os dados em (11) e (12) ilustram como se dá esse desencadeamento temporal dos acontecimentos.

(11) “Retirei o seu saque de R(símbolo) 1.760:000 reis a minha ordem contra os Senrs Ricardo José da Cruz (ilegível), cuja importância eu já recebi *para saldar* nossas contas” (Pará, 17 de abril de 1896).

(12) “(...) não temos recebido notícias (ilegível) ha bastante tempo temos resolvido *a fim de facilitar* o recebimento do saque (...)” (Pará, 18 de abril de 1896).



Essas ocorrências de Infinitivo dão-se sintaticamente como orações subordinadas adverbiais finais. Como a nomenclatura sugere, essas orações exprimem finalidade, expressam ações que acontecerão no futuro, para além do momento de proferimento da sentença, ou seja, posterior ao MF. Em (11), a oração subordinada é introduzida pela preposição *para* e está diretamente relacionada ao verbo *saldar*. Dessa vez, não coube à perífrase verbal construir futuridade, mas à preposição *para* e ao verbo no infinitivo. Em (12) o mesmo ocorre, mas com a mudança do conectivo; em lugar de uma preposição, usa-se uma locução prepositiva para iniciar a oração subordinada final.

Por fim, podemos seguir à análise das variantes linguísticas de futuridade, constituídas de verbo auxiliar e verbo principal, o que comumente chamamos de perífrase verbal. Encontramos ocorrências com os verbos auxiliares *poder*, *fazer*, *ter* e *desejar*, e, dentre eles, foi o verbo *poder* o que mais se destacou em frequência de uso nas perífrases verbais; sendo 5 ocorrências de um total de 8. Contabilizamos como dados de Infinitivo as perífrases com todos os verbos auxiliares que acabamos de citar, mas, para a análise aqui proposta, levando em conta a frequência de ocorrência, analisamos somente a perífrase com verbo auxiliar *poder*. Em quase todas as ocorrências, esse auxiliar seleciona a morfologia do futuro do presente, como em (13); com uma única exceção, em (14).

(13) “Por falta de praça deixamos de embarcar no portador alguns pedidos que tínhamos prompto para Manaós, e que agora, só *poderão seguir* no Costeiro na sua próxima viagem” (Maranhão, 21 de abril de 1896).

(14) “se não tiverem sahida ahi *podem mandal* las p.<sup>a</sup> o Pará também vai o pedido de algumas mercadorias que Vm<sup>ces</sup> mandarão” (ilegível, 14 de julho de 1881).

De fato, a marcação morfológica não é o fator determinante para a construção da posterioridade temporal das perífrases, já que, em ambas, há projeção para o futuro, para além do MF, sempre baseadas em um ME passado. Isso ocorre porque o verbo *poder* cria a noção de possibilidade na sentença, de condição, em sentido de momento condicionado por um acontecimento passado (13) e/ou de permissão (14) futura. Em (13), por falta de praça, deixaram de embarcar no portador (evento passado), e agora (MF) só *poderão seguir* na próxima viagem (evento futuro). Já em (14), se não tiverem saída, ou seja, *caso* não haja saída, existe a possibilidade de *mandá-las* para o Pará.

O verbo *poder*, funcionando como verbo auxiliar nas perífrases verbais, mostrou-se bastante produtivo em Bragança (2008), sendo, em seu estudo, considerada uma perífrase de verbo modal, assim como são denominadas as perífrases com o verbo auxiliar *dever*. Para a autora, o futuro verbal requer modalização, pois “o falante apenas pode projetar sua expectativa para os fatos que vão acontecer” (BRAGANÇA, 2008, p. 100). E, como vimos ao analisar (13) e (14), as ocorrências baseiam-se em eventos passados para projetar aqueles que são futuros.

## Considerações Finais

A pesquisa foi feita dentro do escopo teórico da Sociolinguística, por isso, sempre tivemos um norte a seguir, no que diz respeito a procedimentos metodológicos de pesquisa. Dadas, no entanto, as peculiaridades de nosso *corpus*, como antes explicado, pudemos fazer recortes temporais, pois quase todas as cartas possuem data de escritura, mas não pudemos levar em conta a variável localidade ou outros fatores sociais.

Com o resultado geral, confirmamos que a variante conservadora do futuro do presente foi a mais utilizada nas cartas. Mas, com o estudo dos contextos em que a noção de futuridade era concebida, íamos nos apercebendo de que muito há a ser estudado sobre a forma nominal infinitivo nesses ambientes de futuridade. Por isso estabelecemos a variante Infinitivo, para dar destaque ao valor semântico do infinitivo para a construção da futuridade no português. O Infinitivo acabou por revelar-se a segunda variante mais utilizada nas cartas analisadas.

A variante presente do indicativo não se mostrou tão produtiva como esperávamos. Os únicos dados que temos são com o verbo *ir* no presente, mas sem acréscimo de advérbios; o que nos reporta a Bragança (2008) que dá ao *ir* um valor de deslocamento – noção que nos parece suficiente para explicar o conjunto de dados dessa variante. Também ‘*ir*’ no presente + infinitivo não se revelou tão produtiva dentro do *corpus*.

Embora tenhamos coletado um número relativamente pequeno de dados, pudemos corroborar estudos que já indicavam que a variante conservadora do futuro do presente era a mais utilizada na língua escrita formal (cf. OLIVEIRA, 2006).

Confirmamos que a noção de futuro, como empregada nas gramáticas de Cegalla (2009) e de Rocha Lima (2011), não é suficiente para abranger a noção de futuridade no PB. Silva (1998a, p. 285), em texto resultante da sua tese de doutoramento, já nos alertava que “a expressão temporal não se dá apenas pelo acréscimo de morfemas típicos a um radical”, afirmando ser importante, também, considerar outros fatores linguísticos que se combinam para a realização da expressão de tempo.

Não podemos deixar de mencionar a necessidade de novos estudos sobre o acervo J. G. Araújo, pois ele constitui um grande *corpus* do português registrado no Amazonas no período áureo da borracha. São muitos os arquivos que compõem o acervo, portanto dados não faltam a quem tiver interesse em realizar pesquisa sob uma perspectiva diacrônica do português.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Grace. “Emfim é o pior lugar que tinha visto”: histórias do português no Amazonas. In: ABRALIN EM CENA AMAZONAS, 2014, Manaus. **Anais da Abralin em Cena Amazonas**. Manaus: UEA, 2014. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2019/06/anais-abralin-em-cena-amazonas.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2019.

BRAGANÇA, Marcela. **A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente**: uma fotografia capixaba. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

COELHO, Izete et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COUTINHO, Ismael. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

GIBBON, Adriana. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

HILGERT, José. Língua falada e enunciação. **Calidoscópico**, v. 5/n. 2, p. 69-76, 2007.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MOLLICA, Maria. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: Didáticos UFRJ, 1992.

MOLLICA, Maria.; BRAGA, Maria. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017.

MONTEIRO, José. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NASCIMENTO, Anderson. **A expressão da futuridade verbal no espaço da lusofonia: Brasil, Portugal e Moçambique**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, Josane. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

SILVA, Ademar. A expressão da futuridade na língua falada. **Revista dos cursos de Pós-Graduação**, Campinas, v. 3, p. 283-299, 1998b.

\_\_\_\_\_. O presente futuro: uma questão semântico-discursiva. **ALFA: Revista de Linguística**, Araraquara, v. 42, 1998a. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107759>. Acesso em: 08 jan. 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-lingüística**. São Paulo: Ática, 1986.